A VENTURA E DESVENTURA DE HERÓIS MENORES, DE MARIA LÚCIA ZOEGA DE SOUZA¹

⁽¹⁾ Tese de doutoramento apresentada em 1994 ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob a orientação da Prof^a Dr^a Lígia Chiappini Moraes Leite.

• Mestranda em Antropologia Social na USP, coordenadora de Literatura Infanto-Juvenil da Editora Memórias Futuras.

HELOISA PIRES LIMA*

Para o exame dos indicadores de uma produção medida como juvenil, cruzam-se autores, leitores, comentaristas e editoras como personagens que devem levar em conta muitos critérios para o veredito da adequação. O trabalho de doutorado de Maria Lúcia Zoega de Souza trata a questão em termos de mecanismos de produção e divulgação da indústria cultural, incluindo uma reflexão sociopolítica que dimensiona o estudo técnico. Para a definição do objeto literatura juvenil, a questão do mercado aparece estreitamente vinculada à da Educação de jovens, através da noção relativa a *menor* como um de seus indicadores principais. Menor é a faixa etária, o tamanho do texto, as personagens que usam a linguagem de jovens vivendo na época em que são escritos os livros. Isso porque os leitores são considerados em formação e essa literatura, instrumental para a propagação e manutenção dos mesmos valores dos adultos que os educam. É, enfim, uma produção mediada e medida por adultos.

A tese defendida pela autora é que se cortam textos, aparam-se idéias, conformam-se crenças, tendo por trás a linha de força dos modelos de sociedade. Por essa via, mascaram-se conflitos e tensões pessoais e sociais entre classes, raças e idades.

As fontes examinadas são duas obras do jornalista José Louzeiro: *Pixote, a Infância dos Mortos*, lançada em 1977, e *A Gang do Beijo*, em 1984. Embora ambas tenham sido arquitetadas com base nos universos juvenis, apenas a segunda é catalogada, pela editora, como literatura juvenil. Retira, pois, para a investigação os critérios que consideram uma obra adequada, ou não, para ser catalogada e, portanto, indicada como juvenil.

Sua proposta é realizar uma leitura das obras *em viés*, por quatro capítulos, recolhendo alguns aspectos para a análise da distinção tanto do ponto de vista formal quanto do temático. O capítulo I é dedicado a uma análise mais densa da primeira obra, contrastando-a com a catalogada como juvenil no capítulo II. Segue-se a releitura de outros livros comumente considerados “adequados” à leitura de jovens e, num último capítulo, esboça-se uma brevíssima conclusão. O objetivo é buscar o perfil e a função das personagens e do narrador nos romances.

Souza prioriza a questão do gênero “romance de aventura” em sua análise. A ficção espelharia o desafio de sair da fase passageira da adolescência através da exposição à aventura em que naturalmente se é conduzido à virtude.

Numa perspectiva histórica, dimensiona o trabalho até as chamadas *juvenilia* surgidas no século XVIII, passando pela sua solidificação, na Europa, por autores do século XIX. Tais universos seriam trançados com muitos perigos por heróis viajantes em terras exóticas, que enfrentam inúmeras armadilhas e lutas, das quais sempre saem vencedores. A estrutura é a de expectativa no início e alívio no final, para os protagonistas e os leitores identificados com eles. A aventura pressuporia o domínio da natureza, de si e dos outros para a emergência de um herói. Seria uma expressão do poder ilimitado do indivíduo e o tempo seria demarcado pela sua vontade, que definiria o futuro vitorioso.

Mas o leque amplo que desenrola serve de base para pensar um sentido atual. Sugere, assim, a questão da produção literária nascida nos meios jornalísticos, quando a ficcionalidade é preenchida de referencialidade, num quase clima de cientificidade. Louzeiro pertence à geração dos escritores da década de 70, que se apóiam no fato jornalístico para escrever seus livros, classificados como romances-reportagem. *Pixote...* é o relato de um tipo de infância sem horizontes. A personagem é um jovem assassinado por policiais, sendo o fio condutor da história de Dito, o protagonista, que lida com a violência da vida nas ruas e que também morre num assalto no final. Louzeiro cria Pichote, a personagem de um livro, que ganha autonomia na personagem Pixote, representado cinematograficamente por Fernando Ramos, o ator que vive o papel para além do filme. Para a autora, é como se a leitura acumulasse o filme, a notícia de jornal, o jornalista perante uma dada condição social.

O livro selecionado traz ao seu trabalho um clima de emoções fortes, pela temática tão cara aos nossos centros urbanos atuais. Chama a atenção a autora para o modo como essa obra de ficção projeta uma realidade que, dialeticamente, invade uma situação ficcional. Porém ela consegue o distanciamento necessário para a investigação, que realiza passo a passo e de onde retira uma série de elementos presentes na construção do texto. O destaque que dá ao narrador no seu exame desnuda, de modo brilhante, os engendramentos presentes nessas composições. É como revelar o inconsciente do texto e do contexto.

Em *Pixote...*, o protagonista, na sua desventura, é um intermediário no comércio de drogas, que pratica roubos, que explora “madames” e velhotas, que

se transforma em assassino, que mata inimigos e que ajuda um amigo a se matar. Sua morte aparece anunciada desde o princípio para os leitores. São os antagonistas, porém, que o fazem recuperar os contornos do herói. Há tensão no texto. O narrador aparentemente faz uso de um discurso neutro e objetivo, mas, ao sumariar os fatos, "carrega na tinta", afirma Souza. A autora demonstra que a atitude assumida de mais mostrar do que contar acaba por resultar num elo entre os meninos e aquele que lê: assim, Louzeiro apela para o conhecimento do leitor de uma realidade que a personagem não pode ver, assume a linguagem do protagonista na terceira pessoa e o apresenta com simpatia, levando o leitor a torcer pelos meninos, apesar de eles serem os *fora da ordem*.

À perspectiva ampliada pelo discurso indireto e às personagens sem tempo, heróis, sim, mas menores, porque *pichotes*, indefinidos entre espaços e idades, contrapõe a outra obra então recomendada, em que o discurso é direto e há pouca fala do narrador.

A *Gang do Beijo* é considerada uma aventura policial. A história se passa no ambiente de uma escola particular decadente do Rio de Janeiro, alterada pelo progresso. Um crime na biblioteca desencadeia o enredo, no qual os protagonistas, jovens escolares, portanto *da ordem*, se tornam, ao mesmo tempo, acusados e detetives. Na história, o criminoso se caracteriza por uma construção frágil, com motivos que não convencem. A autora julga serem pinceladas enviesadas de um quadro também enviesado de escola com professores e alunos fracos, mas todos violentos em suas brincadeiras e linguagem, uma violência porém que não se explicita. Os protagonistas não correm perigo mortal, não vivem nenhuma situação forte de medo, os advogados os protegem, as famílias colaboram e os *tiras são legais*. Há tempo para a compreensão do que se passa, sendo jovens com a vida pela frente, e o amor é sugerido. Ao contrário, no livro *Pixote...* vive-se aceleradamente. São jovens que revelam sexualidade adulta e em tudo obrigados a uma maturidade precoce, que inclui a morte. O futuro como promessa não se cumpre. É uma literatura na qual não há a manutenção da fantasia sobre a possibilidade de realização de riqueza, felicidade, sucesso.

Nos livros juvenis, o conceito de Bem como valor fundamental para a formação de jovens aparece comumente implicado com a lei e os bons costumes. Na *Gang...*, os elementos traição, vingança, prisão e morte estão presentes, mas a trilha do bem é retomada. Não há interesse em angustiar; ao contrário, em acomodar os leitores. O clima é conformista como o da escola e seus limites, do autor e a construção rasa, ficando o leitor protegido de tensões.

Sobre personagens *Pivetes* e *Pixotes* na literatura juvenil, um dos pontos altos do trabalho, amplia a reflexão a respeito de personagens das classes oprimidas. No Brasil, surgidos a partir da década de 1970 em obras que tematizam a marginalidade com *tom de amargor*, disputam espaço com a voga das aventuras policiais vantajosamente indicadas como juvenis.

No desfecho que vai construindo aos poucos, a autora tenta cercar a idéia de êxito e fracasso num quadro em que os vencedores estão associados ao Bem, à riqueza, aplicam-se ao trabalho, dedicam-se aos estudos, confiam em Deus e nos adultos. Tamanha homogeneidade de caracterização, porém, esbarra num fenômeno das últimas décadas. Crimes não apareciam nessa literatura: só furtos. Hoje, no entanto, não só assassinatos e crueldades aparecem, como os crimes são cometidos pelos próprios menores, criando dificuldade para a crítica especializada nessa produção. Eis um gancho para se pensar para além de uma

análise estrutural, que acentua o estático e o tipológico, construído sobre essencialidades maniqueístas.

O dinamismo estaria nos livros, nos jovens, nos valores, na sociedade ou na percepção sobre esse campo de análise? A leitura da tese sugere muitas trilhas para investigações.

A tese tem ainda como mérito uma excelente bibliografia, que corre em paralelo, mas que facilita o acesso ao tema àqueles interessados no debate. Enfim, o trabalho poderia problematizar categorizações como *menor*, dar visibilidade ao item ilustrações que acompanha essas produções, ou voltar o enfoque sobre o leitor que escolhe os livros no processo de captação de seus interesses por toda a rede de especialistas, ou realizar tantas outras orientações que a temática sugere. Mas, sob o aspecto do que foi desenvolvido e não o do que não foi, tem muito a contribuir, para além do seu espaço e tempo específico como tese. Trata-se de uma reflexão auxiliar a editoras, autores, críticos e educadores em geral. A educação de jovens através do eixo de produção de uma literatura dirigida para esse fim e a reflexão sobre o sentido social dessa produção são reveladores de realidades que necessitam ser identificadas. Para o campo das ciências sociais, apresenta um ângulo singular e sensível na interpretação dessa aliança entre Literatura e Sociedade.